

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
BRUNA CUMANI MARTINS**

**A CONQUISTA DE UM TERRITÓRIO:
O BIQUÍNI NA *TERRA BRASILIS***

Juiz de Fora
2018

BRUNA CUMANI MARTINS

**A CONQUISTA DE UM TERRITÓRIO:
O BIQUÍNI NA *TERRA BRASILIS***

Projeto Interdisciplinar apresentado junto ao Curso de Tecnologia em Design de Moda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para conclusão de curso.

Linha de Pesquisa: Roupas memória.

Orientador (a): Prof^a. Me. Leticia de Sá Nogueira

Juiz de Fora
2018

MARTINS, Bruna Cumani. **A conquista de um território:** o biquíni na *Terra Brasilis*. Projeto Interdisciplinar, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Tecnologia em Design de Moda, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, realizado no 1º semestre de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Me. Leticia de Sá Nogueira
Orientadora

Prof^a. Esp. Raquel Salgado Carneiro
Membro convidado 1 – CES/JF

Prof^a. Me. Victor Miranda de Oliveira
Membro convidado 2 – CES/JF

Examinado (a) em: ____/06/2018

RESUMO

MARTINS, Bruna Cumani. **A conquista de um território: o biquíni na Terra *Brasilis***. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design de Moda). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

A presente pesquisa é resultado do Projeto Interdisciplinar do curso de Tecnologia em Design de Moda, em que dois temas são estudados e utilizados como referência para a criação de uma coleção de moda: a influência de elementos culturais indígenas no início da moda do biquíni no Brasil e o capítulo Amazônia e Pantanal do livro de fotografias *Gênesis*, de Sebastião Salgado, que apresenta esses elementos culturais em suas formas primitivas, ao retratar imagens de grupos indígenas em suas tribos. A pesquisa pretende observar como alguns elementos da cultura indígena nacional, como as tangas e o urucum, participaram da libertação do corpo feminino por meio de sua inserção na moda praia no começo dos anos 1970. O material bibliográfico analisado permitiu observar ainda que o biquíni não significou apenas uma novidade nas praias, mas uma revolução comportamental, a qual obteve grande influência de elementos indígenas que destacam a naturalização da exibição do corpo.

Palavras-chave: Biquíni. Tanga indígena. Praia. Indígena.

ABSTRACT

The present research is the result of the Interdisciplinary Project of the Fashion Design Technology course, in which two themes are studied and used as reference for the creation of a fashion collection: the influence of indigenous cultural elements in the beginning of bikini fashion in Brazil and the Amazon and Pantanal chapter of Sebastião Salgado's book of Genesis, which presents these cultural elements in their primitive forms, by depicting images of indigenous groups in their tribes. The research intends to observe how some elements of the national indigenous culture, such as thongs and *urucum*, participated in the liberation of the female body through its insertion in the beach fashion in the early 1970s. The bibliographical material analyzed allowed us to observe that the bikini was not only a novelty on the beaches, but a behavioral revolution, which obtained a great influence of indigenous elements that emphasize the naturalization of the exhibition of the body.

Keywords: Bikini. Indigenous thong. Beach. Indian tribes.

TABELAS

Tabela 1 – Parâmetro de produto.....	30
Tabela 2 – Ficha técnica saia pareô.....	35
Tabela 3 – Tabela de custo saia pareô	35
Tabela 4 - Ficha técnica maiô manga	36
Tabela 5 – Tabela de custo maiô manga	36
Tabela 6 – Ficha técnica maiô recorte	37
Tabela 7 – Tabela de custo maiô recorte	38
Tabela 8 – Ficha técnica vestido tiras	39
Tabela 9 - Tabela de custo vestido tiras.....	39
Tabela 10 – Ficha técnica calça fluida	40
Tabela 11 – Tabela de custo calça fluida	41
Tabela 12 – Ficha técnica top branco	41
Tabela 13 – Tabela de custo top branco	42
Tabela 14 – Ficha técnica top coqueiro.....	43
Tabela 15 – Tabela de custo top coqueiro	43
Tabela 16 – Ficha técnica calcinha branca	44
Tabela 17 – Tabela de custo calcinha branca	44
Tabela 18 – Ficha técnica canga coqueiro	45
Tabela 19 – Tabela de custo canga coqueiro.....	45

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Micheline Bernardini com o primeiro bikini.....	10
Figura 2 - três tipos de tanga marajoara	11
Figura 3 - mulheres com roupas de banho em 1920.....	13
Figura 4 - mulher vestindo pijama de praia em 1933	14
Figura 5 - Leila Diniz em Ipanema, 1971.....	16
Figura 6 - Logomarca	24
Figura 7 – Prancha referencial	25
Figura 8 – Fluxograma	26
Figura 9 – Matriz referencial.....	29
Figura 10 – Prancha de tendências.....	31
Figura 11 – Cartela de cores.....	31
Figura 12 – Cartela de tecidos	32
Figura 13 – Prancha de design de superfície têxtil.....	32
Figura 14 – Croquis da coleção.....	33
Figura 15 – Croquis selecionados	34
Figura 16 – Croqui Pesca no Xingu.....	34
Figura 17 – Croqui Ritual.....	37
Figura 18 – Croqui Fauna Alada	38
Figura 19 – Croqui Caminhos dos Z'océ.....	40
Figura 20 – Croqui Seiva Nativa.....	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 QUEM INVENTOU O BIQUÍNI: O ÍNDIO OU O FRANCÊS?	10
2.1 O INÍCIO DOS BANHOS DE MAR	12
2.2 TANGA INDÍGENA: A INFLUÊNCIA VESTIDA NA PRAIA	14
3 GÊNESIS	18
3.1 AMAZÔNIA E PANTANAL	20
4 MODA PRAIA NA <i>TERRA BRASILIS</i>	22
5 MUNA MANI	24
6 ELEMENTOS TÉCNICOS DA COLEÇÃO	25
6.1 BRIEFING	25
6.2 MATRIZ REFERENCIAL	27
6.3 CROQUIS E SEUS COMPLEMENTOS	33
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte integrante do trabalho de conclusão do curso Tecnólogo em Design de Moda e resulta em uma coleção de vestuário feminino com as temáticas: a influência de elementos culturais brasileiros que destacam a naturalização da exibição do corpo no início da moda do biquíni no Brasil e o capítulo Amazônia e Pantanal do livro *Gênesis* (2013), de Sebastião Salgado.

A intenção, nesta pesquisa, é mostrar como esses elementos culturais serviram como inspiração para algumas mulheres vanguardistas que iniciaram o uso do biquíni no Brasil e como esses mesmos elementos, encontrados nas fotografias de Sebastião Salgado, ainda podem ser utilizados como influência na moda praia atual.

A escolha dos temas se deu em função de sua relevância para a preservação da História, da valorização da cultura brasileira e do empenho em mostrar a transformação social através da moda, apontando a emancipação do corpo feminino por meio do biquíni.

A metodologia aplicada para a construção deste artigo foi a análise bibliográfica, a pesquisa imagética e a interseção, tendo como referências principais a obra *Gênesis* (2013), livro de fotografias de Sebastião Salgado, e o livro *Biquíni Made in Brasil* (2016), de Lilian Pacce.

Este artigo estrutura-se em três etapas: a primeira conclui-se como a pesquisa temática, envolvendo questões teóricas de ambos os temas, apresentando inicialmente a história do biquíni, o início dos banhos de mar e a mudança de comportamento na praia, indicando as influências culturais recebidas, e posteriormente uma breve biografia de Sebastião Salgado, abordando em seguida o capítulo 'Amazônia e Pantanal' do livro *Gênesis* (2013); a segunda etapa é composta pela interseção, que consiste no encontro de ideias em comum entre os dois temas, e a terceira etapa é constituída pelos elementos técnicos da coleção, como os croquis, descrição da marca, cartela de tecidos, cores, entre outros.

2 QUEM INVENTOU O BIQUÍNI: O ÍNDIO OU O FRANCÊS?

Bikini, ou biquíni na língua portuguesa, segundo o Dicionário Michaelis (2018), é maiô de duas peças, de tamanho muito reduzido. O biquíni, como hoje o conhecemos, foi inventado em 1946, na França. Neste ano, dois criativos disputavam a autoria do traje minúsculo: Jacques Heim e Louis Réard. De acordo com Pacce (2016), Jacques Heim apresentou um primeiro modelo, batizado de *atome* (átomo), e contratou um avião para escrever com fumaça no céu: átomo: o menor traje de banho do mundo. Conforme afirma Prado (2011), o nome *atome* deriva do grego *átomon*, que significa indivisível, uma vez que, tendo ele cortado o maiô ao meio e encurtado para cima e para baixo, não dava mais para dividi-lo.

Pouco tempo depois, Louis Réard lançou um modelo menor ainda e também contratou um avião para desenhar no céu: “bikini: menor que o menor traje de banho do mundo”. Inspirado nos testes atômicos realizados no Atol de *Bikini*, Réard batizou a peça de Bikini, como uma alusão ao efeito da bomba atômica, uma vez que os dois causaram efeitos “explosivos” no mundo todo.

Apesar de Jacques Heim ter apresentado um modelo semelhante, porém menos ousado, já que encobria o umbigo, foi Louis Réard quem ficou mais conhecido como criador da peça, em razão de ter patenteado o nome e lançado o *bikini*, conforme Pacce (2016), em 5 de julho de 1946, em um concurso à beira da piscina Molitor em Paris. Foi Micheline Bernardini quem desfilou a peça, uma dançarina do Casino de Paris que teria atraído todos os olhares, como se pode observar na figura 1.

Figura 1 - Micheline Bernardini com o primeiro bikini



Fonte: Keystone/Getty Images

A dançarina segura nas mãos uma caixinha, indicando que a peça é tão pequena que caberia dentro dela.

A história do biquíni pode ter começado no ano de 1946, no entanto, muito antes disso, os povos indígenas já usavam trajes muito semelhantes à roupa de banho, confeccionados, conforme cita Prado (2011), com fibras vegetais, contas, penas e até cerâmica, caso das tangas marajoaras (figura 2), utilizadas pela cultura marajoara em que seus primeiros sinais remontam a 3.500 anos, de acordo com Pacce (2016).

Figura 2 - três tipos de tanga marajoara



Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br>

As tangas são uma forma tradicional de cobertura do sexo de algumas culturas indígenas e, apesar de cobrirem minimamente o sexo, atendem perfeitamente à moral e aos costumes de cada povo. Ainda hoje, muitas tribos do Alto Xingu utilizam tangas tão finas e pequenas e exibem seus corpos de maneira tão natural que, para o não-indígena, seria nudez, mas, para o índio, a nudez é a ausência da mesma (PACCE, 2016).

O indígena não se veste de tal maneira por despudor. Pacce (2016) alega que essas culturas têm sua própria moral e sempre tiveram seu código de vestimenta para cobrir o sexo, ainda que haja uma enorme variedade de tamanhos, estilos e matéria-prima utilizada.

Sendo a roupa de banho peça antiga nos guarda-roupas e a tanga já se fazer presente de tal maneira no Brasil, seria natural que o biquíni fosse adotado em um ambiente como as praias. No entanto, o uso da peça e a sensualidade inerente ao modelo, que revelava o umbigo feminino, símbolo da vida, da maternidade e também zona erógena, demoraram muito para ser assimilados (PACCE, 2016).

2.1 O INÍCIO DOS BANHOS DE MAR

Conforme Prado (2011), o banho de mar era prática pouco usual e até considerado prejudicial à saúde, devendo ser feito sob recomendação médica. Já em meados do século XIX, eles passaram a ser considerados terapêuticos. Segundo Chaves (2017), estudos europeus associavam as águas do mar à longevidade. No Brasil, esses efeitos ficaram conhecidos a partir do banho de D. João VI na praia de São Cristóvão (ANDREATTA *et al.*, 2009), em 1817, na Chácara Imperial Quinta do Caju, realizado por recomendação de um sacerdote francês para curar uma infecção causada por carrapato.

Para toda enfermidade, a água do mar era recomendada. Segundo Chaves (2017), o objetivo não era se expor ao sol, mas, sim, ao sal. Os pesados e longos trajes serviam para proteger a pele de qualquer moléstia. Os trajes também revelavam os severos costumes morais da época, uma vez que expor o corpo não era atitude aceita pela elite. Conforme Prado (2011), os primeiros modelos de banho, feitos em tecidos espessos, como o algodão, eram calçolas bufantes que iam até os joelhos com mangas que podiam chegar até o cotovelo. Pacce (2016, p. 64) afirma que “na virada do século 19 para o 20, a roupa de banho chegava a pesar 11 kg quando molhada”.

Conforme Chaves (2017), as orientações médicas sobre os benefícios do banho de mar para a saúde fizeram com que o desejo de se estar à beira-mar aumentasse. Dessa forma, estar próximo à natureza, ao mar e à maresia afastaria doenças.

Ainda segundo Chaves (2017), por sua condição de capital, o Rio de Janeiro era centro divulgador de quaisquer novidades que surgiam, e freqüentar a praia era um hábito novo. Assim, as praias deixaram de ser ambientes desertos e gradativamente tornaram-se conhecidas e ocupadas por banhistas.

Chaves (2017) afirma que, a partir do século XIX, o Brasil preocupava-se em seguir os padrões europeus, considerados sinônimos de elegância e do ser civilizado. Na França, no ano de 1914, Gabrielle Coco Chanel, que passava temporadas na praia de Deauville, lançou a moda da pele bronzeada ao se expor ao sol e, segundo Pacce (2016), desde então, frequentar a praia para se expor ao sol torna-se mais importante que tratar de doenças.

Pouco tempo depois, nos anos 1920, houve o *boom* esportivo e os banhos de mar tornaram-se parte do enaltecimento da vida esportiva (PRADO, 2011). Uma competição de mergulho foi a primeira ocasião para a juventude carioca revelar sua particular vocação desportiva associada ao mar (ANDREATTA *et al.*, 2009).

Conforme Stevenson (2012), a paixão pela praia dos anos 1920 teve mais a ver com culto do sol e exibição do que com saúde. O bronzeador e os esportes aquáticos contribuíram para trajes mais leves e simples, revelando mais corpo.

Figura 3 - mulheres com roupas de banho em 1920



Fonte: H.Armstrong Roberts/ ClassicStock/ Getty Images

Neste período, a roupa de banho encurtou e começou a moldar o corpo devido ao uso do ponto de tricô e do elástico (PACCE, 2016). Conforme Prado (2011), na segunda metade dos anos 1920, tornaram-se usuais os maiôs até a parte superior da coxa, em malha de lã, tendo diminuído a quantidade de tecido que encobria pernas e braços.

Os conservadores resistiram ao aparecimento de modelos mais curtos e muitas mulheres foram censuradas pelo uso da roupa de banho de comprimento menor, considerado inadequado. Pacce (2016) afirma que, em alguns lugares, a mulher que usava o maiô justo ainda era considerada indecente, e algumas chegaram a ser detidas pela polícia pelo uso do traje.

Conforme Andreatta *et al.* (2009), no Rio de Janeiro, o decreto nº 1143 de 1917 anunciava a necessidade dos banhistas se apresentarem com vestuário apropriado, além de regular a permanência na praia, fixando meses, dias e horários e estabelecer multa para os infratores. Entretanto, o decreto era tão rígido que cerca de um ano depois foi abolido, de acordo com Chaves (2017).

Pouco tempo depois, na década de 1930, surgiu o pijama de praia (figura 4), tendência também criada por Coco Chanel e popularizada como item básico para o balneário, segundo Fogg (2013). O pijama era composto por calça e camisa e era uma vestimenta muito elegante, porém casual, para as mulheres passearem.

Figura 4 - mulher vestindo pijama de praia em 1933



Fonte: Fox Photos / Getty Images

Conforme Fogg (2013), à medida que as mulheres começavam a fazer exercícios, elas podiam usar modelos menos estruturados do pijama de praia, em tecidos esvoaçantes (figura 4), como a meia malha para os trajes diurnos e o crepe da china para os pijamas noturnos. O surgimento do pijama se configurou como um dos primeiros modelos de “saída de praia”, tendo a moda, a partir de então, se infiltrado nesse ambiente antes tido como, apenas, terapêutico.

2.2 TANGA INDÍGENA: A INFLUÊNCIA VESTIDA NA PRAIA

Até o surgimento do biquíni, em 1946, a roupa de banho permaneceu cobrindo o umbigo e o quadril. Mostrar o umbigo era vulgar e, assim, as roupas de banho das moças decentes cobriam toda a barriga. Tanto que esta foi a última parte do corpo feminino a ser exibida publicamente (PACCE, 2016).

Nos conservadores anos 1950, ir à praia já fazia parte do lazer da elite carioca (PACCE, 2016), no entanto, o uso da peça ainda era censurado. As poucas moças ousadas que o usavam, causavam imenso espanto, sendo que muitas ficavam mal faladas.

Em 1956, o uso do biquíni foi consagrado mundialmente por Brigitte Bardot, no filme *E Deus criou a mulher*, quando a atriz usou um modelo com estampa vichy. O cinema hollywoodiano contribuiu muito para o enaltecimento do biquíni, e os movimentos feministas e liberalistas dos anos 1960 deram força para a mulher fazer uso da peça (PACCE, 2016).

Os tradicionais anos 1950 vinham dando lugar à reacionária década de 1960, abrindo caminho para a constante liberação da mulher. De acordo com Fogg (2013), somente com a nova era de permissividade sexual dos anos 1960 o biquíni ganhou aceitação generalizada.

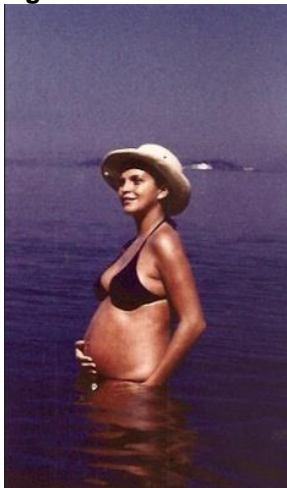
A empolgação com o uso do biquíni resultou, aqui no Brasil, em leis para conter a excitação na praia até, aproximadamente, o início dos anos 60, quando o Presidente da República, Jânio Quadros, proibiu o uso de biquínis em praias e piscinas do território nacional. O motivo da lei foi porque o traje era considerado “indecente” (CHAVES, 2017).

No entanto, nada disso funcionava. A “indisciplina” sempre prevalecia, já que cada indivíduo insistia em interpretar a praia como um território livre, escolhido para o encontro entre vanguardistas, que assustavam e provocavam os mais conservadores (ANDREATTA *et al.*, 2009).

No Brasil, os vanguardistas exploravam o uso do biquíni de diferentes maneiras, fazendo com que as aparições no traje se tornassem cada vez mais comum e com mais indivíduos adeptos. E a praia de Ipanema foi o local escolhido para palco de tanta ousadia.

Leila Diniz causou alvoroço na praia de Ipanema, em agosto de 1971, quando apareceu grávida de 6 meses usando um biquíni (figura 5). Essa naturalidade em exhibir o corpo já era parte do Brasil desde os primórdios, no entanto, a insistência em copiar modelos estrangeiros de sociedade, a exemplo do modelo europeu, ainda fazia com que o clima brasileiro estivesse impregnado de conservadorismos, fazendo com que a atitude “transgressora” de Leila gerasse protestos que, conforme Pacce (2016), falavam até em afronta a Virgem Maria e deboche contra a maternidade, uma vez que as gestantes da época usavam o maiô inteiro ou alguma espécie de cortininha cobrindo a barriga.

Figura 5 - Leila Diniz em Ipanema, 1971



Fonte: www.cartacapital.com.br

No ano seguinte, em 1972, Rose di Primo, modelo brasileira dos anos 1970, apareceu em Ipanema com a calcinha do biquíni amarrada nas laterais por duas finas tiras de tecido. Era a famosa tanga, que surgia ganhando as praias cariocas. Conforme Prado, (2011), a tanga é a menor roupa da história da moda. Revolucionou a moda praia internacional, tornou-se símbolo de sensualidade tropical e conquistou fama para o biquíni pequeno, usado à moda brasileira e batizado no exterior de *brazilian bikini* e, posteriormente, de *the string*.

E foi em homenagem às tangas indígenas que o modelo, consagrado mundialmente, foi batizado como “tanga” (PACCE, 2016).

Já em 1973, Gal Costa lança o álbum ‘Índia’, que trazia na capa um close do seu quadril vestida com um biquíni, enquanto o verso do álbum apresentava a cantora em trajes indígenas com os seios à mostra. Além de frequentadora assídua da praia de Ipanema, dando até nome às dunas do local que ficaram conhecidas como Dunas da Gal (DISITZER, 2012), o caderno Ela, do jornal O globo (2018), cita Gal como uma das pioneiras em mostrar o umbigo fora da praia na década de 1970, explorando a sensualidade de uma maneira muito explícita.

No final dos anos 1970, aconteceu o primeiro *topless* em terras tupiniquins, protagonizado por Patrícia Casé também na praia de Ipanema (PACCE, 2016).

O bronzeado perfeito, tido como moda nessa mesma época, podia ser obtido, entre outras receitas, através do urucum, conforme Disitzer (2012), fruto nativo da América tropical que ainda hoje é utilizado como corante para pinturas corporais dos indígenas.

Todos esses acontecimentos e muitos outros, como o surgimento do biquíni asa-delta e do fio-dental nos anos 1980, ocorridos nas praias cariocas, refletiam o desejo de empoderamento feminino e libertação do corpo da mulher (PACCE, 2016), que recebeu nítida influência de elementos culturais brasileiros que destacam a naturalização da exibição do corpo, como a própria exposição indígena do sexo e a tanga adotada por algumas etnias, oferecendo expressividade e coragem para as mulheres na busca pela libertação do corpo.

3 GÊNESIS

Sebastião Ribeiro Salgado nasceu em 1944, no estado de Minas Gerais, em uma fazenda situada dentro do Vale do Rio Doce, ligada ao resto do Brasil por uma estrada de ferro da Companhia Vale do Rio Doce. Aos 15 anos saiu de Aimorés, cidade próxima à fazenda de seu pai, onde ia à escola, e foi para Vitória, no Espírito Santo, terminar o ensino médio (SALGADO; FRANCO, 2014).

Depois do ensino médio, entrou para a faculdade de direito, mas não se interessou muito pelo curso, exceto a parte histórica. O curso de direito pareceu-lhe muito tradicionalista, enquanto a economia representava para ele o que havia de mais moderno, uma vez que surgiam as primeiras indústrias automobilísticas no país, Juscelino Kubitschek estava no governo e Brasília havia sido inaugurada em 1960. Formado em economia em 1967, decidiu prolongar os estudos em um mestrado na Universidade de São Paulo (SALGADO; FRANCO, 2014).

Morando em São Paulo, participou ativamente dos movimentos contra o regime militar, quando o grupo em que fazia parte decidiu que os mais jovens deviam ir para o exterior para se formar e continuar agindo de lá. Em 1969 embarcou, junto com sua mulher, Lélia, em um navio rumo à França, a pátria dos direitos humanos e da democracia. Em Paris, ajudavam os brasileiros recém-chegados e destruídos pela ditadura (SALGADO; FRANCO, 2014).

Sebastião iniciou um doutorado e Lélia um curso de arquitetura, quando, certa vez, precisava fotografar alguns prédios para o curso. Compraram uma Pentax Spotmatic II. Lélia e ele não sabiam nada sobre fotografia, mas acharam aquilo fantástico. Três dias depois compraram mais duas lentes e montaram um pequeno laboratório na Cité Universitaire, onde moravam. Alguns meses depois, Sebastião largou o emprego e começou a fazer revelações para os estudantes. Logo em seguida, conseguiu sua primeira reportagem, para cobrir o prêmio que Jorge Amado recebera na Academia Francesa. Algumas outras pequenas reportagens foram encomendadas à Salgado e, pouco a pouco, ele começou a acreditar que podia se tornar fotógrafo (SALGADO; FRANCO, 2014).

Em 1971, após terminar sua pós-graduação em Paris, Sebastião Salgado arrumou um emprego na Organização Internacional do Café, em Londres, e sua missão era organizar e financiar projetos de desenvolvimento econômico na África. Durante suas viagens ao continente, Sebastião percebeu que as fotos que tirava o

deixavam mais feliz que os relatórios que tinha que produzir quando voltava (SALGADO; FRANCO, 2014).

A dúvida entre largar a economia e virar fotógrafo era grande e Sebastião sempre se perguntava se realmente deveria fazer isso, até o dia em que, aos 29 anos, no ano de 1973, decidiu interromper sua promissora carreira de economista para virar fotógrafo independente. Desde que descobriu a fotografia, Sebastião nunca mais parou de fotografar. Sua formação em economia permitiu que ele transformasse esse prazer instantâneo em projetos de longo prazo (SALGADO; FRANCO, 2014).

Sempre engajado com as questões sociais, a exemplo de sua luta contra a ditadura, dedicou a maior parte da sua vida profissional à fotografia social, em projetos ao redor do mundo, principalmente no continente africano, retratando muitas vezes, o sofrimento humano.

Em suas reportagens sobre os movimentos dos povos através do globo, retratando a migração rural, os refugiados escapando de conflitos armados e desastres naturais, acompanhando jovens em busca de uma vida melhor, o fotógrafo testemunhou muito sofrimento e coragem, porém, mais do que tudo, presenciou violência e brutalidade como nunca tinha imaginado, perdendo toda sua esperança no futuro da humanidade (SALGADO, 2013).

Conforme Salgado (2013), sua esperança reavivou quando fundou, junto com Lélia, o Instituto Terra, com o objetivo de reflorestar a propriedade rural da família de Sebastião no Brasil. Maravilhados com a capacidade da natureza de se regenerar, surgiu a ideia de um novo projeto, para explorar a beleza da natureza de um lado ao outro do planeta: Gênesis. O nome, de acordo com Salgado (2013, p.6), foi dado fazendo referência à

uma viagem no tempo, às erupções e aos terremotos que moldaram a terra; à atmosfera e ao fogo que originaram a vida; às espécies mais antigas de animais que ainda resistem à domesticação; às tribos remotas cujo estilo de vida se mantém em grande parte inalterado; e às ancestrais formas de organização humana ainda existentes. Eu queria examinar como a humanidade e a natureza tem coexistido ao longo dos tempos naquilo que agora chamamos de equilíbrio ecológico.

Gênesis abriga um conjunto de fotos de paisagens, animais e pessoas que mostram a natureza em seu auge, encontrados em locais específicos e em grande parte ainda intocados pelo mundo moderno, divididos em cinco grandes capítulos,

cada um representando uma ampla área: Sul do Planeta; Santuários; África; Terras do Norte e Amazônia e Pantanal. Gênesis é uma homenagem à grandiosidade da natureza. Um hino visual à grandeza e à fragilidade da Terra e, também, um aviso acerca de tudo que nos arriscamos a perder (SALGADO, 2013).

Conforme Sebastião Salgado no documentário 'O Sal da Terra' de 2014, "o fotógrafo é alguém que desenha com luz, alguém que escreve e reescreve o mundo com luzes e sombras". Desta forma, pode-se considerar Gênesis como um chamado de Sebastião para defendermos as diversas formas de vida que ainda possuímos.

3.1 AMAZÔNIA E PANTANAL

A região que abrange a Amazônia e o Pantanal representa um capítulo inteiro e exclusivo de Gênesis. O rio Amazonas e seus afluentes, segundo Salgado (2013), parecem uma gigante árvore da vida: fonte de 20% da água doce do planeta, pulmão do mundo, abrigo de inúmeras espécies da flora e da fauna e refúgio de muitas tribos indígenas.

O Pantanal representa a maior planície inundável do mundo, onde, nas estações chuvosas, 80% da região fica inundada e rios e riachos se transformam em enormes lagos. O Pantanal é ocupado por uma surpreendente variedade de vida selvagem, desde lontras, cervos-do-pantanal, sucuris, onças-pintadas, jacarés, até araras, tucanos, falcões, papagaios, águias e garças (SALGADO, 2013).

Conforme Salgado (2013), o que parece estático numa fotografia – a exemplo do rio Amazonas, na verdade, está sempre em movimento, a depender das estações e do fluxo de água que desce dos Andes.

De acordo com Salgado (2013), a floresta amazônica é habitada há mais de 10.000 anos, embora muitas tribos tenham desaparecido junto com a construção de estradas e com as doenças transmitidas pelos exploradores. Algumas ainda sobrevivem com o mínimo contato com o mundo moderno, como os Zo'é, retratada por Salgado ao longo do capítulo.

Os Zo'é são uma tribo isolada, sem outros grupos indígenas a eles associados, que vivem no interior da floresta amazônica do estado do Pará, numa área que se estende entre os rios Erepecuru e Cuminapanema, ambos afluentes do Amazonas. Pertencem ao grupo linguístico tupi-guarani. O grupo dos Zo'é dá grande importância à sua limpeza: todos os caminhos e trilhas que partem de sua aldeia

levam a fontes de água. Suas excursões, sejam para caçar, pescar ou colher vegetais, são regularmente interrompidas para se banharem em riachos e córregos (SALGADO, 2013).

No Parque Indígena do Xingu, na extremidade sul da Amazônia, três tribos foram retratadas por Sebastião: os waurá, os kuikuro e os kamaiura. Esta última, fotografada enquanto organizava o amuricumã, celebração em que as mulheres assumem o poder, pescam, participam da Dança das Mulheres e se ornamentam com colares, pinturas corporais e cocares. Os kamaiura também ostentam o único xamã do sexo feminino no Alto Xingu (SALGADO, 2013).

Os grupos indígenas do Xingu atribuem seu pacifismo à dieta predominantemente de peixe, em que explicam que não comem animais de sangue quente e por isso suas entranhas não são invadidas pela agressão. Deste modo, a pesca é um hábito consolidado entre os indígenas. Outro hábito comum entre os indígenas é usar o urucum, fruto vermelho do urucueiro, para pintar seus corpos e lábios (SALGADO, 2013).

4 MODA PRAIA NA *TERRA BRASILIS*

A proposta do presente trabalho é aliar, de forma equilibrada, os temas expostos anteriormente para criar uma coleção de moda.

A pesquisa mostrou a influência recebida de elementos culturais brasileiros que destacam a naturalização da exibição do corpo da mulher em um tempo em que sua autonomia era limitada e a livre expressão era contida em trajes de banho que ainda escondiam zonas julgadas erógenas, como o umbigo. O início da moda do biquíni no Brasil indica claramente que esses elementos culturais, tais como a tanga indígena e a naturalidade dos índios em exibir o corpo, ganharam as praias no começo dos anos 1970, momento em que o conservadorismo da sociedade deu lugar a um período de atitudes revolucionárias.

As mulheres que ousaram na época ao usar um biquíni em espaço público são um símbolo, até os dias de hoje, de liberdade, emancipação e independência, como a cantora Gal Costa, que teve a capa de seu álbum “Índia” censurada nos anos 1970, por mostrar demais a brasilidade da cantora, vestida em trajes indígenas.

Evocando a brasilidade censurada de Gal Costa e todas as influências indígenas que a moda do biquíni recebeu, a Amazônia e o Pantanal de Sebastião Salgado apresentam fotografias que poderiam ser objeto de repressão em certa época, ao retratar mulheres indígenas nuas. No entanto, representam apenas a cultura de cada tribo, que possui sua própria moral e seus próprios modos de vestir, que diferem dos modos da civilização ocidental moderna. Assim como a atitude das vanguardistas, que representavam um jeito e um estilo próprio de ser e pensar, como uma tribo com seus costumes particulares.

Além das fotografias indígenas, Sebastião Salgado nos apresenta uma Amazônia e um Pantanal riquíssimos de biodiversidade, que servirão de inspiração para compor a coleção *Terra Brasilis*. No entanto, as fotografias contidas em *Gênesis* não serão reproduzidas, mas utilizadas como uma referência indireta para a criação de texturas e estampas, que, analogamente à fotografia, são a representação de uma imagem impressa em uma superfície, neste caso, têxtil.

As cores escolhidas para compor a cartela são o preto e o branco, fazendo referência ao trabalho de Sebastião Salgado; o violeta, cor explorada este ano pela Pantone, o vermelho, fazendo alusão ao urucum, o amarelo, o azul e o verde, cores

amplamente encontradas na vasta diversidade de espécies da fauna e da flora da Amazônia e do Pantanal.

5 MUNA MANI

A marca Muna Mani oferece sensações por meio de roupas confortáveis que possibilitem o uso em diversos momentos do dia, considerando a qualidade como substância. A marca possui várias linhas, entre o esporte, a praia e o casual.

O nome foi escolhido pela intenção de conectar diretamente a marca à identidade da criadora, uma vez que Muna é o apelido carinhoso dado por sua mãe e Mani as últimas letras de seu sobrenome, desejando insinuar a liberdade e o espírito jovem através de peças que prezam pelo conforto, aliado à modelagem e textura singulares.

Pensada para uma mulher que procura acabamentos e matérias diferenciadas, a marca busca ser referência em qualidade.

Figura 6 - Logomarca



6 ELEMENTOS TÉCNICOS DA COLEÇÃO

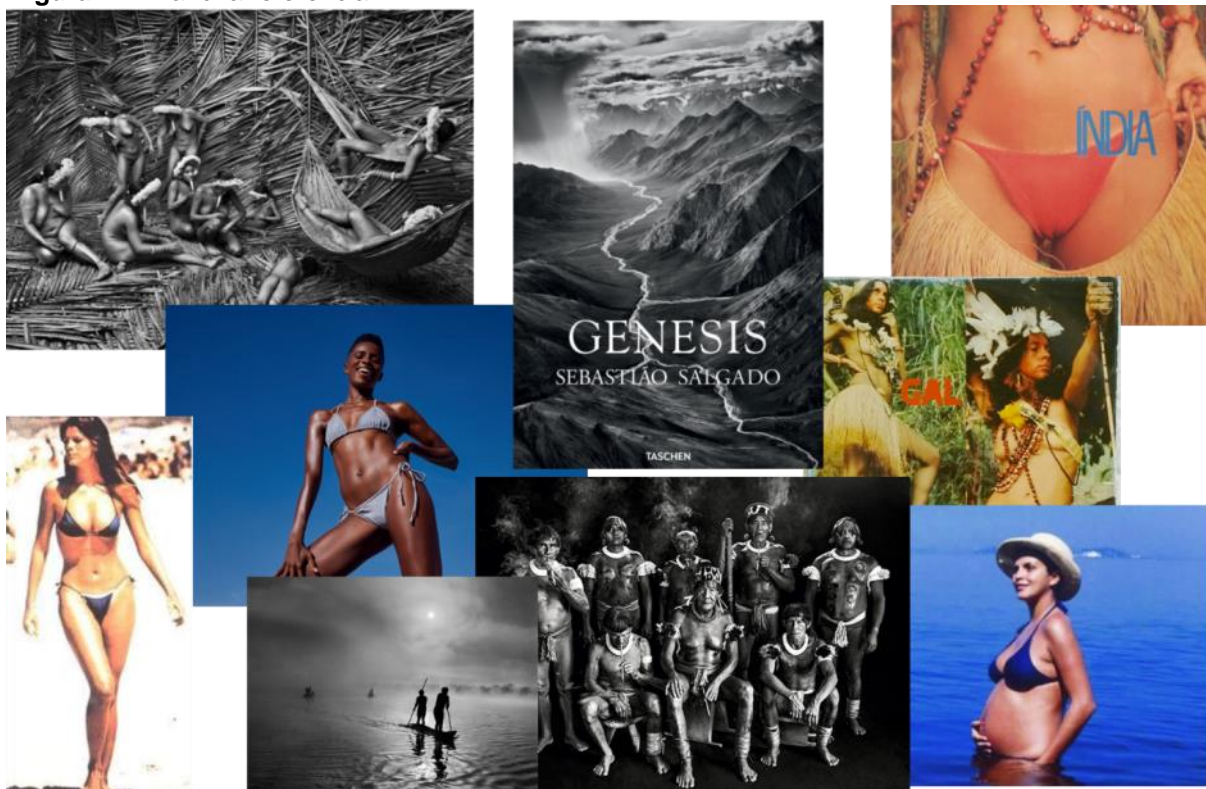
O biquíni e o capítulo Amazônia e Pantanal do livro *Gênesis*, de Sebastião Salgado, serviram de base para o desenvolvimento da coleção *Terra Brasilis*, que uniu elementos dos dois temas na criação dos 20 croquis, que estão divididos em 5 famílias: Pesca no Xingu, Ritual, Fauna Alada, Caminhos dos Zo'é e Seiva nativa.

A prancha referencial (figura 7) traz as referências utilizadas na criação da coleção, apresentada no *Briefing*. O fluxograma (figura 8) e a matriz referencial (figura 9) trazem os dados técnicos de produção dos modelos, como tecidos usados, cores escolhidas, modelagens e silhuetas.

6.1 BRIEFING

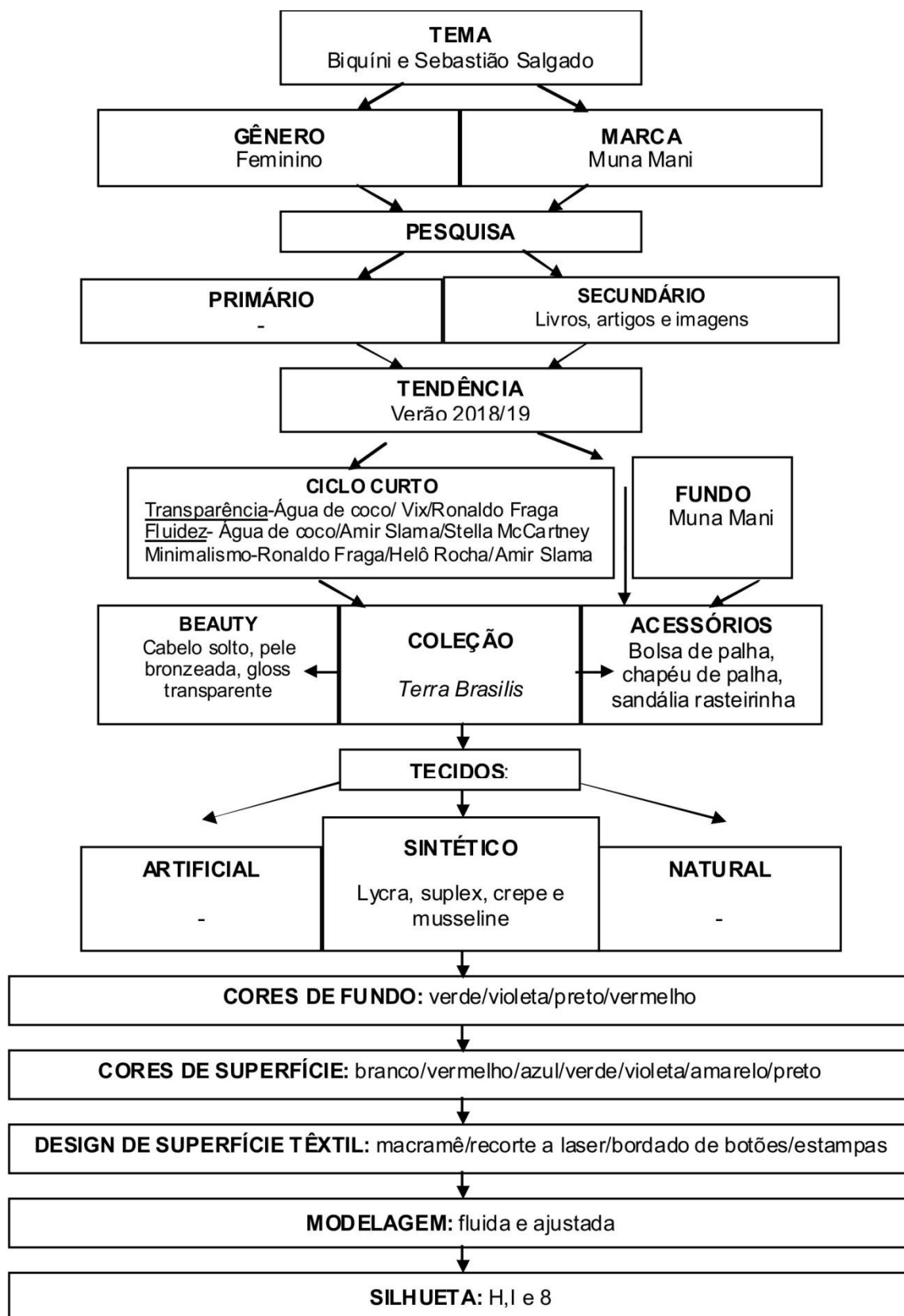
Tendo como referência os temas utilizados na pesquisa teórica, a marca Muna Mani apresenta sua primeira coleção Verão 2018/2019, intitulada *Terra Brasilis*.

Figura 7 – Prancha referencial



Fonte: Da Autora, 2018.

Figura 8 – Fluxograma



Fonte: CES/JF, 2013; Da Autora, 2018.

6.2 MATRIZ REFERENCIAL

A criação das peças que compõem a coleção *Terra Brasilis* levou em consideração as tendências do verão 2018/ 2019, como transparências, fluidez e minimalismo. As modelagens escolhidas são a ajustada, encontradas nos biquínis e maiôs, e a fluida, presente na maior parte das saídas de praia. As silhuetas destacadas são as em formato de H, I e 8.

O tecido selecionado para conceber as peças fluidas foi a musseline, proporcionando leveza e transparência às saídas. Apenas as saídas de praia da família Pesca no Xingu serão confeccionadas em crepe, para sustentar o bordado de botões. Para as peças com modelagem ajustada e sem estampa foi escolhida a lycra, e para as com estampa, o suplex, por ter 100% de poliéster em sua composição, aspecto necessário para a perfeita aplicação da técnica de estamparia por sublimação.

As propostas de *design* de superfície têxtil são a estamparia, com motivos que remetem à temática das fotografias de Sebastião Salgado, o bordado de botões, o macramê, a franja, o recorte a laser e a bainha desfiada, que serão descritos a seguir nas famílias que os contém.

Família Pesca no Xingu: sua referência principal foi encontrada nas fotografias em que Salgado retratou as práticas de pesca no alto Xingu. Os grupos indígenas que lá habitam são adeptos da dieta predominantemente de peixe e, dessa forma, algumas imagens são compostas por índios pescando e segurando seus peixes. Essa referência foi responsável pela criação das quatro peças da família, em que o macramê (técnica manual de tecer fios) na lycra predomina, fazendo alusão às tradicionais redes de peixe, contando ainda com o bordado de botão em formato de peixe, que será realizado no crepe.

Família Ritual: essa família buscou sua referência central nos rituais celebrados pelos indígenas do Alto Xingu e retratados por Sebastião Salgado, como o Amuricumã, celebração em que as mulheres se ornamentam com colares, cocares e pinturas corporais, que serviram como base para a criação das peças da família, resultando em uma estampa inspirada nas penas dos cocares, outra nas pinturas elaboradas pelos índios com urucum, um recorte a laser fazendo alusão às mesmas pinturas e franjas que insinuam os colares. O tecido escolhido como suporte têxtil

para as peças que tem estampas foi o suplex, e a lycra foi escolhida para as peças sem estampas.

Família Fauna alada: a garça-branca, ave muito presente na região do Pantanal, explorada pelo fotógrafo, foi a referência principal para a criação das estampas desta família, que serão feitas sobre o suplex. A modelagem das saídas de praia se baseou na liberdade e na desenvoltura dos pássaros para se estabelecer como fluida, e a bainha das mesmas se finaliza desfiada para evocar as penas das aves. Os tecidos escolhidos para compor as peças foram o suplex e a musseline.

Família Caminhos dos Zo'é: a composição de duas cores e o aspecto minimalista desta família remetem ao asseio da tribo indígena Zo'é, cujas excursões, sejam para caçar, pescar ou colher vegetais, são regularmente interrompidas para se banharem em riachos e córregos. A musseline ficou responsável pela fluidez das saídas, que evocam o aspecto líquido das fontes de água, e a lycra será o suporte para as peças com modelagem ajustada.

Família Seiva nativa: a vitória-régia, planta típica da região amazônica, e a folha de palmeira, planta amplamente presente no interior da floresta amazônica, são os motivos principais das estampas desta família, que receberam fundo preto e branco, fazendo referência às cores utilizadas por Sebastião Salgado. O suporte têxtil escolhido foi o suplex e a musseline.

Os elementos técnicos de cada família da coleção *Terra Brasilis*, como tecidos, cores, modelagens, silhuetas e design de superfície têxtil, estão sintetizados na matriz referencial (figura 9). Na sequência serão apresentados o parâmetro de produto (tabela 1), a prancha de tendências (figura 10), a cartela de cores (figura 11) e de tecidos (figura 12), a prancha de *design* de superfície têxtil (figura 13) e os 20 croquis da coleção (figura 14).

Figura 9 – Matriz referencial

Referência palpável	Tecido			Cor		Design de superfície	Modelagem	Silhueta
	Inspiração impalpável	Artificial	Sintético	Natural	Fundo			
Pesca no Xingu	-	Lycra Crepe	-	Verde e violeta	Branco	Macramê/ bordado de botões	Fluida e ajustada	H e I
Ritual	-	Lycra Suplex	-	Preto e vermelho	Branco, vermelho, azul, verde, violeta, preto	Recorte a laser/ franjas/ estampas	Ajustada	H e 8
Fauna alada	-	Musseline Suplex	-	Preto	Branco, verde, violeta e amarelo	Bainha desfiada/ aplicação tecido/ estampas	Fluida e ajustada	H, I e 8
Caminhos dos Zoé	-	Musseline Lycra	-	Verde	Verde e violeta	Drapeado/ bainha desfiada	Fluida e ajustada	H e 8
Seiva nativa	-	Musseline Suplex	-	Preto	Verde, violeta e branco	Estampas	Fluida e ajustada	H e 8

Legenda:  Referência  Inspiração  Interseção

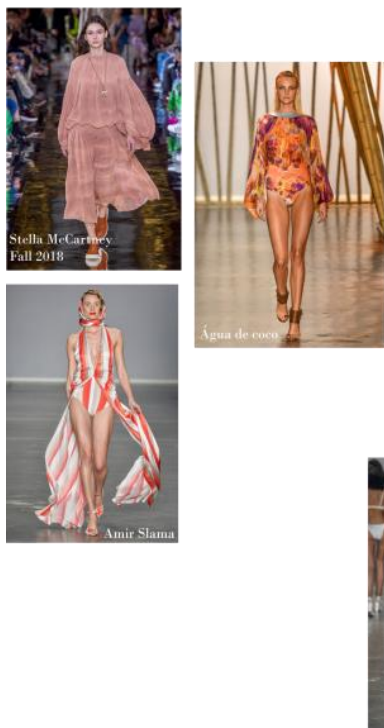
Fonte: CES/JF, 2013; Da Autora, 2018.

Tabela 1 – Parâmetro de produto**Nome da coleção:** *Terra Brasílis***Estação:** Verão 2018/19

Mix de Moda	Básico	Fashion	Vanguarda	Total	%
Mix de Produtos					
Vestidos	-	3	-	3	10,34
Cangas	2	2	-	4	13,79
Blusas	-	-	-	-	-
Chemise	-	3	-	3	10,34
Calças	-	1	-	1	3,45
Saias	-	1	-	1	3,45
Maiô	1	8	-	9	31,03
Biquíni	2	6	-	8	27,59
Total	5	24	-	29	100%
%	17,24	82,76	-	100%	

Fonte: CES/JF, 2013; Da Autora, 2018.

Figura 10 – Prancha de tendências
FLUIDEZ



MINIMALISMO
CONTEMPORÂNEO

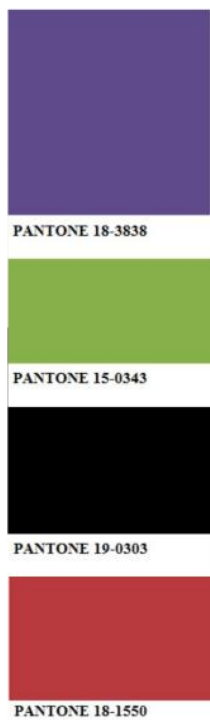


TRANSPARÊNCIA



Fonte: Da Autora, 2018.

Figura 11 – Cartela de cores
CORES DE FUNDO



CORES DE SUPERFÍCIE



Fonte: Da Autora, 2018.

Figura 12 – Cartela de tecidos



Fonte: Da Autora, 2018.

Figura 13 – Prancha de design de superfície têxtil



Fonte: Da Autora, 2018.

Figura 14 – Croquis da coleção



Fonte: Da Autora, 2018.

6.3 CROQUIS E SEUS COMPLEMENTOS

São apresentados os croquis selecionados da coleção, as fichas técnicas de cada croqui e suas respectivas tabelas de custo.

Figura 15 – Croquis selecionados



Fonte: Da Autora, 2018.

Figura 16 – Croqui Pesca no Xingu



Fonte: Da Autora, 2018.

Tabela 2 – Ficha técnica saia pareô

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>		Matéria prima principal:						DESIGN DE MODA CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JAZZ DE FORA	
Modelista: Bruna Cumani		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor		Largura/nº
Modelo: Saia pareô		Crepe	100% poliéster	Verde	0,9 m	-	Marabá	1,4 m	
Ano: 2018		Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)						MUNA MANI	
Ref: PX 01		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor		Largura/nº
Descrição da peça:		Linha	Poliéster	Verde	1 unid.	-	Caçula		25 m
Saia com tira no cós para amarração na cintura, com aplicação de botões.		Botão	Plástico	Pérola	750 unid.	-	Caçula		-
Grade de tamanho:		Cola	-	-	1 unid.	-	Caçula	17 g	
Peça		PP	P	M	M	G	G	GG	
PX 01		36	36	40	42	44	46	48	
Observações									
Beneficiamento:		Aplicação de botões em formato de peixe							


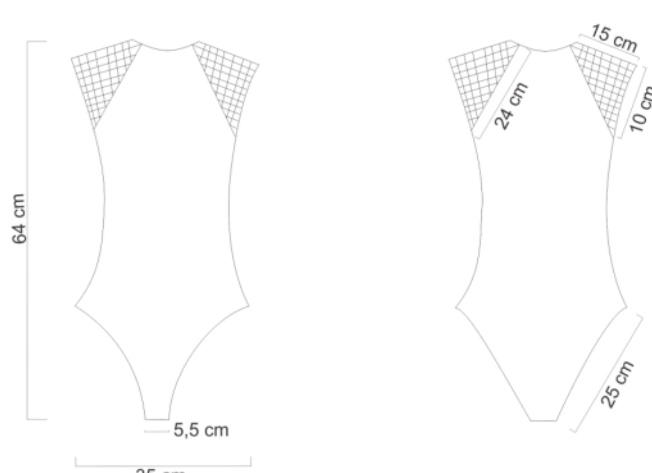
Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Tabela 3 – Tabela de custo saia pareô

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>			Estação: Verão 2018/2019	
Produto: Saia pareô			Ref: PX 01	Total: R\$ 54,72
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Crepe	90 cm	Marabá	12,80/m	11,52
Botão	750 unid.	Caçula	0,05/unid.	37,50
Linha	1 unid.	Caçula	1,10/unid.	1,10
Cola	1 unid.	Caçula	4,60/unid.	4,60
Total	-	-	-	R\$ 54,72

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Tabela 4 - Ficha técnica maiô manga

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>	Matéria prima principal:	DESIGN DE MODA CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUZ DE FORA  MUNA MANI																				
Modelista: Bruna Cumani	<table border="1"> <tr> <th>Nome/código</th> <th>Composição</th> <th>Cor</th> <th>Gasto</th> <th>Fabricante</th> <th>Fornecedor</th> <th>Largura/m²</th> </tr> <tr> <td>Lykra</td> <td>80% poliamida 20% elastano</td> <td>Branco</td> <td>0,9 m</td> <td>-</td> <td>DDD malhas</td> <td>1,4 m</td> </tr> </table>		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m²	Lykra	80% poliamida 20% elastano	Branco	0,9 m	-	DDD malhas	1,4 m						
Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m²																
Lykra	80% poliamida 20% elastano	Branco	0,9 m	-	DDD malhas	1,4 m																
Modelo: Maiô manga	Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)																					
Ano: 2018	<table border="1"> <tr> <th>Nome/código</th> <th>Composição</th> <th>Cor</th> <th>Gasto</th> <th>Fabricante</th> <th>Fornecedor</th> <th>Largura/m²</th> </tr> <tr> <td>Linha</td> <td>Poliéster</td> <td>Branca</td> <td>1 unid.</td> <td>-</td> <td>Caçula</td> <td>25 m</td> </tr> <tr> <td>Fio</td> <td>Poliéster</td> <td>Branca</td> <td>2 unid.</td> <td>-</td> <td>Caçula</td> <td>100 m</td> </tr> </table>		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m²	Linha	Poliéster	Branca	1 unid.	-	Caçula	25 m	Fio	Poliéster	Branca	2 unid.	-	Caçula
Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m²																
Linha	Poliéster	Branca	1 unid.	-	Caçula	25 m																
Fio	Poliéster	Branca	2 unid.	-	Caçula	100 m																
Ref: PX 02	Descrição da peça: Maiô com manga em macramê.																					
Grade de tamanho: <table border="1"> <tr> <th>Peça</th> <th>PP</th> <th>P</th> <th>M</th> <th>M</th> <th>G</th> <th>G</th> <th>GG</th> </tr> <tr> <td>PX 02</td> <td>36</td> <td>38</td> <td>40</td> <td>42</td> <td>44</td> <td>46</td> <td>48</td> </tr> </table> Observações	Peça	PP	P	M	M	G	G	GG	PX 02	36	38	40	42	44	46	48						
Peça	PP	P	M	M	G	G	GG															
PX 02	36	38	40	42	44	46	48															
Beneficiamento: Macramê em lycra																						

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Tabela 5 – Tabela de custo maiô manga

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>			Estação: Verão 2018/2019	
Produto: Maiô manga			Ref: PX 02	Total: R\$ 34,26
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Lykra	0,4 kg	DDD Malhas	59,9/kg	23,96
Fio	2 unid.	Caçula	4,60/unid.	9,2
Linha	1 unid.	Caçula	1,10/unid.	1,1
Total	-	-	-	R\$ 34,26

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Figura 17 – Croqui Ritual



Fonte: Da Autora, 2018.

Tabela 6 – Ficha técnica maiô recorte

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>		Matéria prima principal:						DESIGN DE MODA CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA	
Modelista: Bruna Cumani		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor		Largura/nº
Modelo: Maiô recorte		Lycra	80% poliamida 20% elastano	Branco	0,9 m	-	DDD malhas	1,4 m	
Ano: 2018		Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)						MUNA MANI	
Ref: RT 01		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor		Largura/nº
Descrição da peça: Maiô com corte a laser.		Linha	Poliéster	Branca	1 unid.	-	Caçula		25 m
Grade de tamanho:		Fio	Poliéster	Branca	2 unid.	-	Caçula	100 m	
Observações									
Beneficiamento: Corte a laser na frente da peça.									

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Tabela 7 – Tabela de custo maiô recorte

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>			Estação: Verão 2018/2019	
Produto: Maiô recorte			Ref: RT 01	Total: R\$ 34,26
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Lycra	0,4 kg	DDD Malhas	59,9/kg	23,96
Fio	2 unid.	Caçula	4,60/unid.	9,2
Linha	1 unid.	Caçula	1,10/unid.	1,1
Total	-	-	-	R\$ 34,26

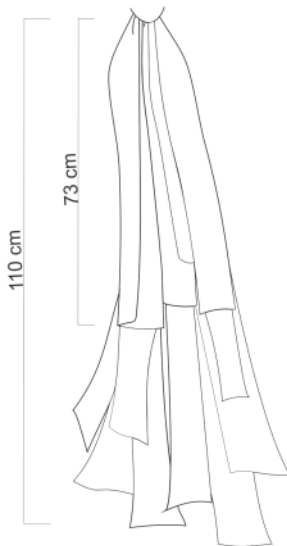
Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Figura 18 – Croqui Fauna Alada

Fonte: Da Autora, 2018.

Tabela 8 – Ficha técnica vestido tiras

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>	Matéria prima principal:						DESIGN DE MODA CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JAZ DE FORA																	
Modelista: Bruna Cumani	Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor		Largura/nº																
Modelo: Vestido tiras	Musseline	100% poliéster	Verde	4 m	-	Marabá	1,4 m																	
Ano: 2018	Musseline	100% poliéster	Roxo	4 m	-	Marabá	1,4 m																	
Ref: FA 01	Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)						MUNA MANI																	
Descrição da peça: Vestido com tiras de musseline, com tiras verdes intercalando com as tiras roxas.	Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor		Largura/nº																
Grade de tamanho: <table border="1"> <thead> <tr> <th>Peça</th> <th>PP</th> <th>P</th> <th>M</th> <th>M</th> <th>G</th> <th>G</th> <th>GG</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>FA 01</td> <td>36</td> <td>36</td> <td>40</td> <td>42</td> <td>44</td> <td>46</td> <td>48</td> </tr> </tbody> </table>	Peça	PP	P	M	M	G		G	GG	FA 01	36	36	40	42	44	46	48	Linha	Poliéster	Verde	1 unid.	-	Caçula	25 m
	Peça	PP	P	M	M	G		G	GG															
	FA 01	36	36	40	42	44	46	48																
Fio	Poliéster	Verde	2 unid.	-	-	Caçula	100 m																	
	Linha	Poliéster	Roxa	1 unid.	-	Caçula	25 m																	
	Fio	Poliéster	Roxo	2 unid.	-	Caçula	100 m																	



Detalhe da bainha

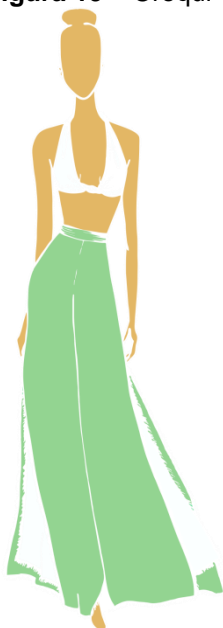
Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Tabela 9 - Tabela de custo vestido tiras

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>			Estação: Verão 2018/2019	
Produto: Vestido tiras			Ref: FA 01	Total: R\$ 121,90
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Musseline	8 m	Marabá	12,80/m	102,4
Fio	4 unid.	Caçula	4,60/unid.	18,40
Linha	1 unid.	Caçula	1,10/unid.	1,1
Total	-	-	-	R\$ 121,90


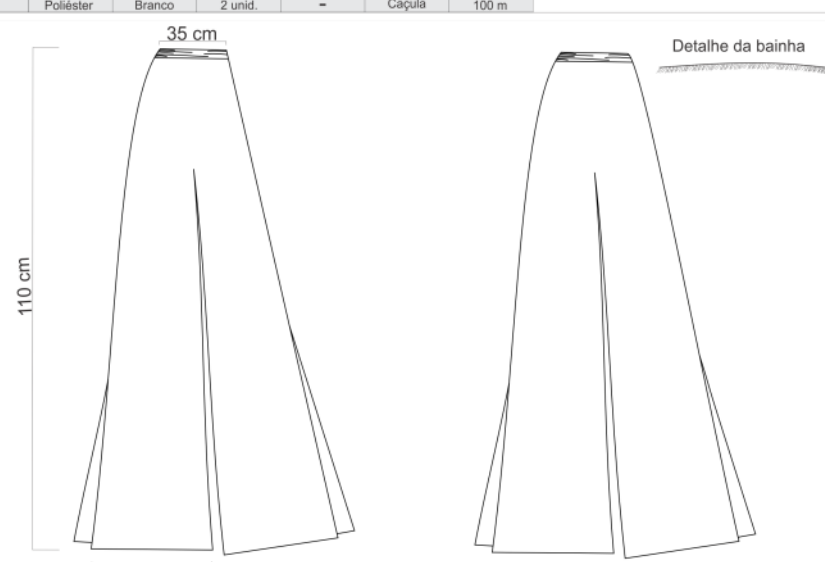
Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Figura 19 – Croqui Caminhos dos Z'oié



Fonte: Da Autora, 2018.

Tabela 10 – Ficha técnica calça fluida

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>		Matéria prima principal:						DESIGN DE MODA CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUÍZ DE FORA 	
Modelista: Bruna Cumani		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor		Largura/mº
Modelo: Calça fluida		Musseline	100% poliéster	Verde	2,8 m	-	Marabá		1,4 m
Ano: 2018		Musseline	100% poliéster	Branco	2,8 m	-	Marabá		1,4 m
Ref: CZ 01		Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)							
Descrição da peça:		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/mº	
Calça em musseline com abertura lateral até o joelho.		Linha	Poliéster	Verde	1 unid.	-	Caçula	25 m	
Grade de tamanho:		Fio	Poliéster	Verde	2 unid.	-	Caçula	100 m	
Peça		Linha	Poliéster	Branco	1 unid.	-	Caçula	25 m	
CZ 01		Fio	Poliéster	Branco	2 unid.	-	Caçula	100 m	
Observações									
Beneficiamento:		Bainha desfiada.							


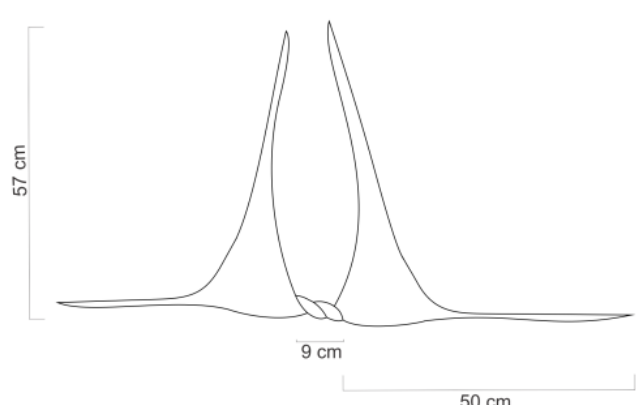
Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Tabela 11 – Tabela de custo calça fluida

Coleção: Terra Brasilis			Estação: Verão 2018/2019	
Produto: Calça fluida			Ref: CZ 01	Total: R\$ 91,18
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Musseline	5,6 m	Marabá	12,80/m	71,68
Fio	4 unid.	Caçula	4,60/unid.	18,40
Linha	1 unid.	Caçula	1,10/unid.	1,1
Total	-	-	-	R\$ 91,18

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Tabela 12 – Ficha técnica top branco

Coleção: Terra Brasilis	Matéria prima principal:	DESIGN DE MODA CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA  MUNA MANI																								
Modelista: Bruna Cumani	<table border="1"> <thead> <tr> <th>Nome/código</th> <th>Composição</th> <th>Cor</th> <th>Gasto</th> <th>Fabricante</th> <th>Fornecedor</th> <th>Largura/nº</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Lykra</td> <td>100% poliâmida</td> <td>Branco</td> <td>0,5 m</td> <td>-</td> <td>DDD malhas</td> <td>1,4 m</td> </tr> </tbody> </table>		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/nº	Lykra	100% poliâmida	Branco	0,5 m	-	DDD malhas	1,4 m										
Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/nº																				
Lykra	100% poliâmida	Branco	0,5 m	-	DDD malhas	1,4 m																				
Modelo: Top branco	Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)																									
Ano: 2018	<table border="1"> <thead> <tr> <th>Nome/código</th> <th>Composição</th> <th>Cor</th> <th>Gasto</th> <th>Fabricante</th> <th>Fornecedor</th> <th>Largura/nº</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Linha</td> <td>Poliéster</td> <td>Branco</td> <td>1 unid.</td> <td>-</td> <td>Caçula</td> <td>25 m</td> </tr> <tr> <td>Fio</td> <td>Poliéster</td> <td>Branco</td> <td>2 unid.</td> <td>-</td> <td>Caçula</td> <td>100 m</td> </tr> </tbody> </table>	Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/nº	Linha	Poliéster	Branco	1 unid.	-	Caçula	25 m	Fio	Poliéster	Branco	2 unid.	-	Caçula	100 m				
Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/nº																				
Linha	Poliéster	Branco	1 unid.	-	Caçula	25 m																				
Fio	Poliéster	Branco	2 unid.	-	Caçula	100 m																				
Ref: CZ 02																										
Descrição da peça: Top em lycra de amarração.																										
Grade de tamanho:																										
Beneficiamento: Parte central enrolada.																										
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Peça</th> <th>PP</th> <th>P</th> <th>M</th> <th>M</th> <th>G</th> <th>G</th> <th>GG</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>CZ 02</td> <td>36</td> <td>36</td> <td>40</td> <td>42</td> <td>44</td> <td>46</td> <td>48</td> </tr> <tr> <td>Observações</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>	Peça	PP	P	M	M	G	G	GG	CZ 02	36	36	40	42	44	46	48	Observações									
Peça	PP	P	M	M	G	G	GG																			
CZ 02	36	36	40	42	44	46	48																			
Observações																										

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Tabela 13 – Tabela de custo top branco

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>			Estação: Verão 2018/2019	
Produto: Top branco			Ref: CZ 02	Total: R\$ 19,28
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Lycra	0,15	DDD malhas	59,9/kg	8,98
Fio	2 unid.	Caçula	4,60/unid.	9,2
Linha	1 unid.	Caçula	1,10/unid.	1,1
Total	-	-	-	R\$ 19,28

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Figura 20 – Croqui Seiva Nativa

Fonte: Da Autora, 2018.

Tabela 14 – Ficha técnica top coqueiro

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>		Matéria prima principal:						DESIGN DE MODA CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUZ DE FORA																								
Modelista: Bruna Cumani		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor		Largura/m ²																							
Modelo: Top coqueiro		Suplex	100% poliéster	Branco	0,5 m	-	DDD malhas	1,4 m																								
Ano: 2018		Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)						MUNA MANI																								
Ref: SN 01		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor		Largura/m ²																							
Descrição da peça: Top em suplex modelo cortininha.		Linha	Poliéster	Branco	1 unid.	-	Caçula	25 m																								
Grade de tamanho:		Fio	Poliéster	Branco	2 unid.	-	Caçula	100 m																								
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Peça</th> <th>PP</th> <th>P</th> <th>M</th> <th>M</th> <th>G</th> <th>G</th> <th>GG</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>SN 01</td> <td>36</td> <td>38</td> <td>40</td> <td>42</td> <td>44</td> <td>46</td> <td>48</td> </tr> <tr> <td colspan="8">Observações</td> </tr> </tbody> </table>		Peça	PP	P	M	M	G	G	GG	SN 01	36	38	40	42	44	46	48	Observações														
Peça	PP	P	M	M	G	G	GG																									
SN 01	36	38	40	42	44	46	48																									
Observações																																
Beneficiamento: Estampa coqueiro na parte de cima do top.																																


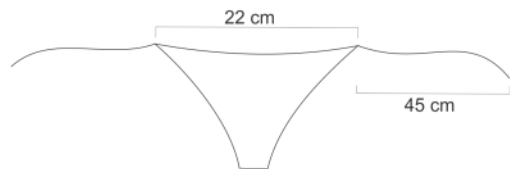
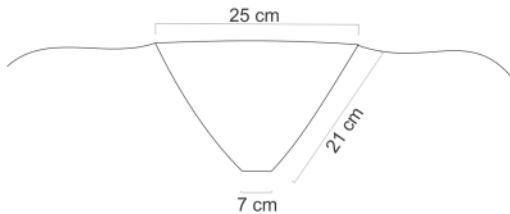
Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Tabela 15 – Tabela de custo top coqueiro

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>			Estação: Verão 2018/2019	
Produto: Top coqueiro			Ref: SN 01	Total: R\$ 23,08
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Suplex	0,15	DDD malhas	39,9/kg	5,98
Fio	2 unid.	Caçula	4,60/unid.	9,2
Linha	1 unid.	Caçula	1,10/unid.	1,1
Sublimação	1 unid.	Ipê Sport	58,00/m	6,80
Total	-	-	-	R\$ 23,08

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Tabela 16 – Ficha técnica calcinha branca

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>	Matéria prima principal:	DESIGN DE MODA CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUZ DE FORA  MUNA MANI																					
Modelista: Bruna Cumani	<table border="1"> <tr> <th>Nome/código</th> <th>Composição</th> <th>Cor</th> <th>Gasto</th> <th>Fabricante</th> <th>Fornecedor</th> <th>Largura/m²</th> </tr> <tr> <td>Suplex</td> <td>100% poliéster</td> <td>Branco</td> <td>0,5 m</td> <td>-</td> <td>DDD malhas</td> <td>1,4 m</td> </tr> </table>		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m ²	Suplex	100% poliéster	Branco	0,5 m	-	DDD malhas	1,4 m							
Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m ²																	
Suplex	100% poliéster	Branco	0,5 m	-	DDD malhas	1,4 m																	
Modelo: Calcinha branca	Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)																						
Ano: 2018	<table border="1"> <tr> <th>Nome/código</th> <th>Composição</th> <th>Cor</th> <th>Gasto</th> <th>Fabricante</th> <th>Fornecedor</th> <th>Largura/m²</th> </tr> <tr> <td>Linha</td> <td>Poliéster</td> <td>Branco</td> <td>1 unid.</td> <td>-</td> <td>Caçula</td> <td>25 m</td> </tr> <tr> <td>Fio</td> <td>Poliéster</td> <td>Branco</td> <td>2 unid.</td> <td>-</td> <td>Caçula</td> <td>100 m</td> </tr> </table>	Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m ²	Linha	Poliéster	Branco	1 unid.	-	Caçula	25 m	Fio	Poliéster	Branco	2 unid.	-	Caçula	100 m	
Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m ²																	
Linha	Poliéster	Branco	1 unid.	-	Caçula	25 m																	
Fio	Poliéster	Branco	2 unid.	-	Caçula	100 m																	
Ref: SN 02																							
Descrição da peça: Calcinha em suplex modelo cortininha.	 																						
Grade de tamanho: <table border="1"> <tr> <th>Peça</th> <th>PP</th> <th>P</th> <th>M</th> <th>M</th> <th>G</th> <th>G</th> <th>GG</th> </tr> <tr> <td>SN 02</td> <td>36</td> <td>38</td> <td>40</td> <td>42</td> <td>44</td> <td>46</td> <td>48</td> </tr> </table> Observações	Peça	PP	P	M	M	G	G	GG	SN 02	36	38	40	42	44	46	48							
Peça	PP	P	M	M	G	G	GG																
SN 02	36	38	40	42	44	46	48																
Beneficiamento:																							

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Tabela 17 – Tabela de custo calcinha branca

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>			Estação: Verão 2018/2019	
Produto: Calcinha branca			Ref: SN 02	Total: R\$
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Suplex	0,15	DDD malhas	39,9/kg	5,98
Fio	2 unid.	Caçula	4,60/unid.	9,2
Linha	1 unid.	Caçula	1,10/unid.	1,1
Total	-	-	-	R\$ 16,28

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Tabela 18 – Ficha técnica canga coqueiro

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>		Matéria prima principal:						DESIGN DE MODA CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA																							
Modelista: Bruna Cumani		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor		Largura/m ²																						
Modelo: Canga coqueiro		Musseline	100% poliéster	Branco	1 m	-	Marabá	1,4 m																							
Ano: 2018		Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)						MUNA MANI																							
Ref: SN 03		Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor		Largura/m ²																						
Descrição da peça: Canga com tira para amarração.		Linha	Poliéster	Branco	1 unid.	-	Caçula	25 m																							
Grade de tamanho:		Fio	Poliéster	Branco	2 unid.	-	Caçula	100 m																							
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Peça</th> <th>PP</th> <th>P</th> <th>M</th> <th>M</th> <th>G</th> <th>G</th> <th>GG</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>SN 03</td> <td>36</td> <td>38</td> <td>40</td> <td>42</td> <td>44</td> <td>46</td> <td>48</td> </tr> <tr> <td>Observações</td> <td colspan="7"></td> </tr> </tbody> </table>		Peça	PP	P	M	M	G	G	GG	SN 03	36	38	40	42	44	46	48	Observações													
Peça	PP	P	M	M	G	G	GG																								
SN 03	36	38	40	42	44	46	48																								
Observações																															
Beneficiamento: Estampa coqueiro.																															

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

Tabela 19 – Tabela de custo canga coqueiro

Coleção: <i>Terra Brasilis</i>			Estação: Verão 2018/2019	
Produto: Canga coqueiro			Ref: SN 03	Total: R\$
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Musseline	1 m	Marabá	12,80 m	12,80
Fio	2 unid.	Caçula	4,60/unid.	9,2
Linha	1 unid.	Caçula	1,10/unid.	1,1
Sublimação	1 unid.	Ipê Sport	58,00/m	58,00
Total	-	-	-	R\$ 81,10

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2018.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O biquíni não foi apenas uma novidade na moda, serviu como ferramenta de um movimento liberalista, tanto sexual quanto comportamental, de livre expressão, de anti-repressão ao corpo. A exibição do corpo em um biquíni foi de difícil assimilação pela sociedade, mas a insistência dos vanguardistas em aparecer no traje transformou os ambientes em que a roupa de banho é necessária em locais de livre expressão. A praia, antes um território pouco frequentado, transformou-se em um local de mistura de classes, onde surgiram símbolos, músicas, imagens, personagens e acontecimentos, exercendo o papel de foco gerador de comportamentos e palco da emancipação cultural de diversas gerações, abrindo espaço para a modernidade e para a libertação feminina.

A liberação da mulher neste contexto foi iniciada por meio do uso das tangas, do *topless*, do urucum como bronzeador, entre outros, que indicam a influência de elementos indígenas que destacam a naturalização da exibição do corpo no início da moda do biquíni no Brasil, influência esta que ainda é reforçada nos dias de hoje, ao ganharmos o direito de frequentar praias para a prática do naturismo, que preconiza a vida em harmonia com a natureza, o consumo de alimentos naturais, o nudismo, entre outros, modo de vida que muito se assemelha aos costumes indígenas nacionais de rico valor cultural celebrados no livro Gênesis.

REFERÊNCIAS

ANDREATTA, Verena; CHIAVARI, Maria Pace; REGO, Helena. O Rio de Janeiro e sua orla: história, projetos e identidade carioca. In: **Coleção estudos cariocas**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2009. Disponível em: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2418_O%20Rio%20de%20Janeiro%20e%20sua%20orla.pdf. Acesso em: 02 fev. 2018.

CHAVES, Ana Paula Dessupoio. **A moda praia na revista ilustrada O Cruzeiro (1928-1943)**. Dissertação (mestrado acadêmico). Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design. Programa de Pós Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, 2017.

DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 23 jan. 2018.

DISITZER, Marcia. **Um mergulho no Rio: 100 anos de moda e comportamento na praia carioca**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

FOGG, Marnie. **Tudo sobre moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

O SAL DA TERRA. Direção: Wim Wenders e Juliano Ribeiro Salgado. Produção: David Rosier. Roteiro: David Rosier, Juliano Ribeiro Salgado, Wim Wenders. Distribuidora: Imovision, 2014.

PACCE, Lilian. **O biquíni made in Brazil**. Rio de Janeiro: Arte Ensaio, 2016.

PRADO, Luís André do; BRAGA, João. **História da moda no Brasil: das influências às autorreferências**. Barueri, SP: Disal, 2011.

PRODUÇÃO DE GAL COSTA nos anos 70 segue como fonte de inspiração. Caderno Ela, **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 de fev. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/moda/producao-de-gal-costa-nos-anos-70-segue-como-fonte-de-inspiracao-22434706>. Acesso em: 03 mar. 2018.

SALGADO, Sebastião. **Gênesis**. Itália: Taschen, 2013.

SALGADO, Sebastião; FRANCO, Isabelle. **Da minha terra à Terra**. São Paulo: Paralela, 2014.

STEVENSON, NJ. **Cronologia da moda:** de Maria Antonieta a Alexander McQueen.
Rio de Janeiro: Zahar, 2012.